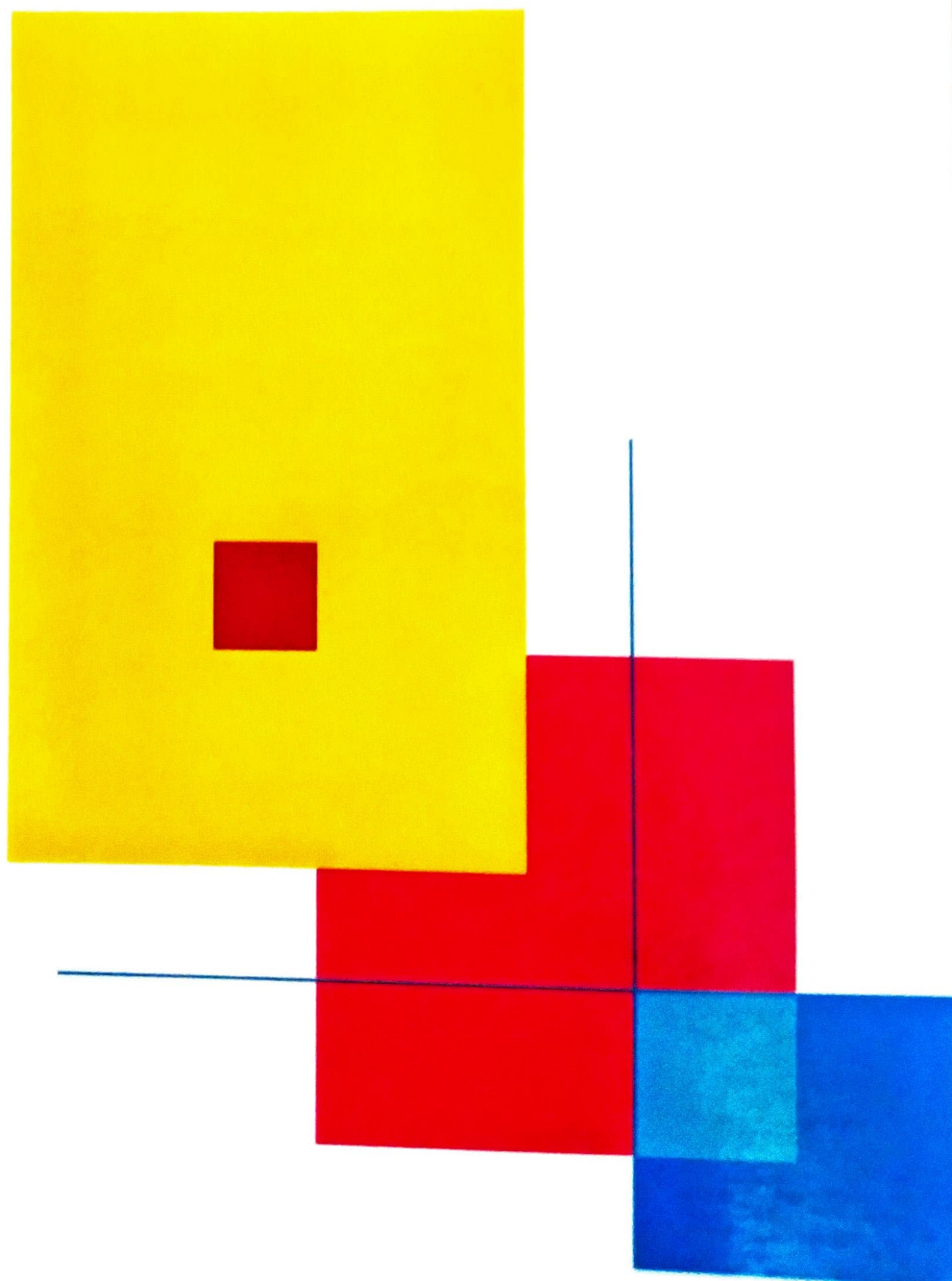


LÍNGUAS

e

INSTRUMENTOS
LINGÜÍSTICOS



Pontes

HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGÜÍSTICAS
hil

JOGANDO CONVERSA FORA: A GÊNESE DO SUJEITO FALANTE EM ENTREVISTA SOCIOLINGÜÍSTICA

Pedro de Souza

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

RESUMO: *Este texto reflete, a partir de uma posição discursiva, sobre a prática da entrevista como dispositivo de levantamento de informação. Parte da posição segundo à qual esta prática envolve uma relação necessária com a memória. O objetivo central é discutir crítica e teoricamente como, na Sociolinguística, a entrevista é dispositivo de constituição da subjetividade.*

ABSTRACT: *From a discursive approach, this piece of study thinks over the practice of interviewing as a mechanism of information-gathering. Taking up a position according to which such practice involves a necessary relation with memory, the main goal is to discuss in a critical and theoretical way the means by which the interview is in Sociolinguistics a device of constitution of subjectivity.*

EM VÁRIOS domínios das Ciências Humanas e das disciplinas vinculadas à formulação e ao estudo do que se concebe como opinião pública, a prática da entrevista tem sido tomada como uma modalidade de interação prestando-se à composição, oral ou escrita, de dispositivos de levantamento de informações. Seja na forma escrita, mediante aplicação de questionários, ou na forma oral, mediante o proferimento direto de perguntas instantâneas dirigidas a inquiridos ocasionais ou previamente selecionados, esta prática envolve, tacitamente da parte do entrevistador e do entrevistado, uma injunção à memória. Refiro-me ao ato de memorizar que, mais do que prover a lembrança dos conteúdos a serem respondidos, deve dispor para inquirido e inquiridor a posição de sujeito na qual estão sendo interpelados para responder e para perguntar. Em outro trabalho, considerei como a “a enquete encerra um funcionamento em que, mediante o aparato da formulação e da aplicação do questionário ou da entrevista, produz um jogo de correlações entre posições enunciativas e posições ideológicas”.¹ Tratava-se, naquele caso, de examinar a maneira pela qual certas práticas de formulação de entrevista –

questionário ou conversação – interpela discursivamente o sujeito da resposta. O ponto nodal da conceituação consistia em pressupor que:

Tal interpelação discursiva aloja-se em uma memória de significações – o interdiscurso – na qual o sujeito, ao ser interpelado pelo questionário já tem assinalado o seu lugar para responder. Falo do lugar material, não enquanto espaço de registros de perguntas e respostas, mas como suporte enunciativo da determinação de dados efeitos de sentido. É, pois, justamente atendo-se à enunciação que descreve o ato de aplicar um questionário, que se pode tomar como efeitos tanto a resposta como o sujeito que responde. Isso decorre de um protocolo enunciativo pré-construído no instante da modelação do questionário, que deve colocar o inquirido em uma determinada e única posição de resposta. (Sousa, 1999, p. 250)

A partir desta observação, meu propósito, neste trabalho, é discutir teoricamente a maneira como, no campo da Sociolinguística, a entrevista é dispositivo de constituição da subjetividade, notadamente no que concerne à construção de uma forma-sujeito. Trata-se de fazer surgir na cena da enquete sociolinguística o sujeito falante, a função que deverá ser parte constitutiva da entrevista, isto é, da formulação do objeto a ser investigado: a variedade lingüística. Na base desta análise, está pressuposta uma das afirmações indicadas no trabalho de Michel Foucault acerca da transformação dos seres humanos em sujeitos. Esta transformação obedece a três modos de objetivação entre as quais destaco aqui aquela relativa à produção do sujeito falante como objeto de investigação em Gramática Geral, Filologia e em Linguística. O problema é que em Sociolinguística o dilema é separar o sujeito que conhece do sujeito que fala.

É nesta direção que segue o trabalho sobre um *corpus* composto de dados de uma pesquisa sobre a variação do português brasileiro falado na região sul do Brasil.² A adoção desse tipo de material implica em tomar dadas situações de entrevista sociolinguística como alvo local de análise. O foco da análise é o processo de subjetivação, a abordagem analítica remete ao campo da Escola Francesa de Análise do Discurso.

No quadro da Sociolinguística laboviana, a incitação ao relato pessoal tem sido o componente metodológico de coleta de dados fundamental na montagem da entrevista que deve ser o cenário de uma conversa tal que a fala do informante seja plenamente isolável para uma análise *a posteriori*. Para que seja garantida a transparência qualitativa do material lingüístico a ser levantado, há que se neutralizar a relação entre entrevistador e entrevistado para que este não se sinta inibido e possa falar do modo mais natural possível. Nisso consiste o paradoxo do observador apontado por Labov.³ O entrevistador deve simular seu interesse sobre aquilo que diz o informante selecionado e não sobre a “língua” dele. Quanto ao entrevistado, é preciso que ele seja inquirido em uma situação tal que, em nenhum instante, durante o tempo da entrevista, preste atenção em seu próprio modo de falar. Assim, tanto o informante quanto o pesquisador devem colocar-se em atitude de esquecimento com respeito ao código lingüístico que possibilita a interação entre ambos no momento da entrevista.

Para cumprir esse programa metodológico, o sociolinguísta dispõe de um protocolo de investigação que consiste de um roteiro de perguntas, ou de um questionário-guia, com o qual o pesquisador monitora a homogeneidade dos dados colhidos e, sobretudo, encoraja a narrativa de experiências pessoais. Esta é a base fundamental do método. Conforme comenta Tarallo:

“os estudos de narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o que (destaque do autor) que presta o mínimo de atenção ao como (destaque do autor). E é precisamente esta a situação natural de comunicação almejada pelo pesquisador-sociolinguísta.”⁴

Sabe-se que o que interessa ao investigador, no campo da Sociolinguística, uma vez coletados os dados, é buscar neles as variáveis estruturais da língua localizáveis mediante diversas correlações sociais. Por isso, o eixo central do método da entrevista pauta-se em dois momentos. O primeiro, anterior à montagem da enquete, consiste em estabelecer alguns critérios sociológicos de escolha do informante: faixa etária, escolaridade, profissão, classe social, sexo.

O segundo momento, relativo ao contexto de aplicação da entrevista, fundamenta-se na produção de um efeito de neutralização no contato entre entrevistador e informante. Por isso, ao colher seus dados, o investigador precisa forjar o contexto de fala, de modo a conseguir uma performance lingüística tão espontânea quanto aquela do entrevistado falando com seus pares. Dessa forma, na etapa da análise do material levantado, excluem-se aspectos subjetivos daquele que fala e a situação em que se dá sua fala.

Adotando a linha francesa de Análise de Discurso, este trabalho, a título de contribuição, visa propor para as entrevistas contendo dados sobre fatores de variação e mudança lingüística na região sul do Brasil uma outra análise: a que recupera, na relação entre o que diz o informante e o ato de dizer, certo funcionamento enunciativo que converte o entrevistado em sujeito do discurso emergente ao longo do tempo em que o inquirido faz relatos pessoais em situação de entrevista sociolingüística.

A problemática aqui é a do estatuto do sujeito e do discurso em situação de entrevista, tomando-a como um acontecimento em um contexto específico. Sendo assim, o que está em jogo não é uma concepção *a priori* de entrevista, mas a que decorre da prática de entrevistar que se estabelece como método de pesquisa em Sociolingüística. Nesses termos, sou conduzido a recorrer a considerações que fizeram autores como Lorenza Mondada, Pierre Achard e Jean-Marie Marconot, notadamente sobre a entrevista e seu acontecimento.

Mondada⁵ concebe a entrevista como um acontecimento no qual entrevistador e entrevistado, discursivamente interpelados, constroem coletivamente o que ela chama uma versão do mundo. Sob esse ponto de vista, a autora considera que a entrevista não pode ser tomada apenas como um instrumento neutro de levantamento de dados entre outros. A eficácia deste dispositivo pressupõe, segundo a autora, uma concepção de linguagem e de discurso, tanto no momento da análise das informações levantadas, quanto no processo durante o qual se desenvolve a interação entre informante e entrevistador.

Daf decorre, conforme a visão de Mondada, as concepções de entrevista que se adotam, conforme o enfoque da pesquisa. Sob um primeiro aspecto, a entrevista pode ser tomada como uma forma de coletar, explicitar e cristalizar dados objetivos levantados mediante o controle da situação de enquete.

Sob uma segunda abordagem, a entrevista pode ser tomada como um acontecimento no curso do qual entrevistador e inquirido administram

entre si, de acordo com as finalidades da enquete, as posições ou perspectivas que vão nortear as proposições sobre o mundo constituído nos discursos emergentes na situação da entrevista. A propósito da presença dos interlocutores, Mondada propõe que:

“No primeiro caso, a presença do entrevistador é sentida como um viés que é necessário reduzir ou eliminar; no segundo caso, esta presença é um aspecto constitutivo da interação em curso. Em outras palavras, no primeiro caso, os conteúdos obtidos são considerados como válidos em geral, podendo ser extraídos para serem usados como explicações, descrições de outras atividades em outros contextos; no segundo caso, considera-se que os dizeres coletados constróem sua própria inteligibilidade, ajustando-se ao contexto particular da entrevista e não podem portanto ser descontextualizados.”
(Mondada, op.cit., p. 80)

Essas concepções de entrevista pressupõem duas diferentes visões teóricas sobre o discurso. A primeira está ligada a uma perspectiva representacionista em que o discurso é concebido como um instrumento neutro de transmissão de informação. Para Mondada, trata-se de uma concepção cujos elementos fundamentais incluem a intencionalidade do locutor e um código comum partilhado pelos interlocutores. Através deste código, a informação é simetricamente codificada pelo locutor e decodificada pelo interlocutor. Este modo de conceber a entrevista, segundo Mondada, é muito freqüente em várias práticas discursivas, inclusive nas enquetes em que o entrevistador interpela o informante acerca de suas ações e atitudes.

O segundo pressuposto relativo ao conceito de discurso baseia-se no que Mondada chama de “concepção interacional e praxeológica do discurso”. Nesta visão, o discurso é concebido, conforme leitura da autora,

“como constitutivamente ligado às situações em que aparece, como emergente no fio de um trabalho de negociação, de construção interativa, de elaboração coletiva, ordenando-se de maneira endógena no curso de sua realização prática”.

Ainda de acordo com Mondada, além de o discurso não se apoiar sobre a pressuposta existência de um mundo estável e objetivo, ele é o lugar de uma intersubjetividade a construir. Assim, se a concepção representacionalista vê no discurso um produto estabilizado e neutro, a outra, a praxeológica, faz dele um processo dinâmico sempre a acontecer em dado quadro de interação. Acentuando a pertinência da situação interativa como traço constitutivo do processo do dizer desencadeado na entrevista, Mondada põe em questão a idéia de uma correspondência natural entre discurso e sua presumida referência. Nestes termos, diz a autora:

"...não é possível correlacionar os dizeres dos atores sociais a seus comportamentos, como se estes fossem correspondentes àqueles, como se coletar seus discursos, através das entrevistas, por exemplo, pudesse significar o mesmo que coletar informações, explicações, descrições de suas ações. A partir de uma perspectiva interacional, os dizeres são tratados como ações: aquilo que se observa no contexto social é menos a língua do que as atividades lingüísticas. O estudo da interação dissolve a dualidade aparente entre linguagem e ação, entre dizer e fazer".(...)
(Mondada, op.cit., p. 62)

A propósito do valor da entrevista tomada como método de pesquisa em Pierre Achard⁶, há um ponto em que este autor se aproxima de Mondada e outro em que se afasta. A aproximação reside no fato de que, para Achard, o analista de discurso deve valorizar a enquete como um elemento constitutivo da situação em que é aplicada. O ponto que considero discordante é a visão ampliada que Achard propõe para o processo da entrevista. Diz o autor que este dispositivo encarado como um processo discursivo comporta uma série complexa e distinta de etapas que correspondem cada uma a um registro discursivo. Destas etapas, o levantamento e a publicação de dados são as mais visíveis. Mas estas fazem parte de uma grade de protocolos enunciativos que incluem decisões que envolvem várias instâncias.

A primeira é a da solicitação da enquete, que implica levar em conta a natureza social e institucional do solicitante. A segunda diz respeito à negociação sobre o modo de formular e aplicar a entrevista - perguntas dirigidas

oralmente com respostas registradas em gravador, questionários para preenchimento do entrevistado ou do entrevistador, apresentação do formulário de questões ou transmissão via telefone para o inquirido, etc. Outra fase é a da tabulação e da interpretação dos dados coletados. Esta comporta uma divisão de trabalho que Achard identifica como a instância técnica e as instâncias utilizadoras. Na esfera técnica, há que se definir a quem compete o estudo da entrevista e a quem compete a execução delas. Aqui se distingue a função do pesquisador cientista, como posição de saber legitimada no campo disciplinar em questão, e a posição do entrevistador.

Certamente assim descritas as etapas que compõem o dispositivo da entrevista têm suas especificidades conforme o campo em que são empregadas e não se apresentam necessariamente na ordem em que estão elencadas. O importante é a dimensão discursiva destacada nesta consideração de Achard, que permite analisar a relação discursiva que se estabelece entre o processo da entrevista, e aquele que pergunta e responde. Vista deste modo, a entrevista pode ser mostrada como o ponto em que o discurso que no interior dela se estrutura tem relação com outros discursos a este conectado pelo fio das etapas de elaboração de um processo investigativo.

Neste ponto é que quero ressaltar a diferença entre este enfoque e o de Mondada. Em outra direção, a visão de Achard conduz a encarar a entrevista não apenas localmente no momento de sua aplicação, como sugere Mondada, mas na série de etapas que derivam sua formulação. Achard assinala, neste modo de conceber o dispositivo da entrevista, a sua função interpeladora relativamente ao sujeito entrevistado. Este emerge não como indivíduo abstrato, mas interpelado em um lugar social pré-construído de expressão. Este lugar é também o mesmo que dispõe para o sujeito inquirido a representação daquele a quem deve se dirigir na posição do entrevistador.

Este reparo permite alertar para uma possível dicotomia na ótica interacionista proposta por Mondada. Não se trata de opor uma perspectiva representacionista a uma praxeológica. Antes é preciso antever o regime discursivo que, na exterioridade da evidência necessária, dá conta de como o campo, no caso em questão, o da pesquisa sociolinguística, serve-se de ambas as perspectivas para dar cabo da língua que quer conhecer na mesma medida em que constrói mediante seu dispositivo o sujeito que a fala.

Buscava-se submeter a entrevista tal como acontece para os fins da pesquisa sociolinguística às considerações de Mondada; é interessante

observar o resultado híbrido a que se pode chegar. Vê-se um dispositivo, cuja função enunciativa de produção de dados tem como condição necessária a inclusão dos dizeres e do contexto de sua enunciabilidade. Eis como o modo de formular e aplicar o dispositivo da entrevista faz desta uma singular prática discursiva. No campo da pesquisa sociolinguística, a entrevista não é nem o instrumento neutro de acesso à certa informação, nem um simples conjunto de dizeres que traduzem em si o contexto de sua enunciação.

Em verdade, a entrevista, no contexto do inquérito sociolinguístico, é uma combinatória dos dois aspectos arrolados por Mondada. Historicamente emprestada da Psicologia Social, a entrevista tem sofrido ajustes e adaptações para ser adequadamente utilizada como método de levantamento de informação. Quando se trata do campo da pesquisa de opinião, coloca-se um sério problema acerca da confiabilidade dos conteúdos colhidos a partir da aplicação de modelos de entrevistas que devem suscitar discursos individuais. A questão é de como garantir neutralidade suficiente a fim de que os conteúdos levantados não sofram qualquer influência subjetiva, tanto da parte do entrevistado quanto da parte do entrevistador. Buscam-se assim técnicas de coleta de dados que possibilitem menor impacto sobre os inquiridos e otimização dos resultados obtidos.⁷

Neste ponto, observo que a neutralização e a assinalação do contexto dos dizeres que, segundo Mondada,⁸ opõem diferentes modelos de enquetes e divergentes pressupostos a eles vinculados, combinam-se na forma que adota a entrevista na pesquisa sociolinguística. Neste quadro, conforme já ressaltai sobre a ótica metodológica laboviana, é preciso, através do incitamento às narrativas pessoais, maximizar o impacto das perguntas sobre o entrevistado para que se obtenha melhor rendimento quanto aos resultados esperados. A qualidade destes depende do sucesso do entrevistador ao fazer falar o entrevistado; ou seja, fazer aparecer, no instante aleatório da fala de si que a entrevista suscita, o sujeito falante, ainda que o destino deste seja o desaparecimento na fase laboratorial da extração dos dados de fala a serem categorizados no quadro epistemológico da variação linguística.

Certamente é o que se passa no momento em que, iniciando a pesquisa sociolinguística, o entrevistador dá o turno da fala ao informante buscando um caminho para torná-lo sujeito falante da variedade linguística procurada.

E - Qual a tua profissão?

F - Sou funcionário público. (est)

E - E (hes) na tua profissão, [tu - ga-]- como é, mais ou menos, o teu salário? Tu ganhas bem, ou está insatisfatório?

F - Está insatisfatório. (est)

E - (hes) Mas é a tua profissão que não é reconhecida ou como é que é?

F - Não, o grau de estudo não é reconhecido, (est) A capacidade, eu tenho, agora falta estudo.⁹

Dado esse *input*, que fato enunciativo pode indiciar a perda, a dissolução em um fluxo derivante que deve fazer do locutor e do interlocutor os sujeitos da conversa concebida ao modo de uma heterogeneidade inerente? O efeito de hesitação marcado no turno de fala do entrevistador é um importante indicador da operação discursiva que deve converter o informante em sujeito. Trata-se mais de incitar a falar do que propor para uma fala um conteúdo. Acontece que fazer falar é expor a si e ao outro à deriva da enunciação, é jogar-se fora juntamente com o acontecer espontâneo da conversa.

Neste ponto, remeto à dimensão material da conversação, ou seja, ao modo como aparece ou acontece, não só pelo que fica explicitado na fala hesitante de ambos os interlocutores, mas também pelo que, na superfície do ato conversacional, se mostra atualizado no horizonte do dizer possível. Tomada assim no fluxo do acontecimento enunciativo, fixo aí a atenção sobre o fato aleatório que configura a conversa.¹⁰ Vê-se aí uma espécie de conversação expandida em que se cumpre a função enunciativa que vai converter a voz registrada no gravador em sujeito falante e portador de uma variedade lingüística. Traça-se aqui o limite entre o fato e o resto. É o fato pre-figurado na teoria da variação lingüística que a transcrição tenta reter. Mais que a atmosfera da cena da conversa, no papel registram-se os sons que, com todos os seus traços residuais, dão conta da existência de uma língua e de um sujeito que a fala.

Por outro lado, o que o gravador não pode registrar é a invisível e inaudível incursão da memória que concorre para a vitalidade da função enunciativa. Chamo atenção para essa situação que Pêcheux categoriza como sendo a zona do não-sentido. Da parte do entrevistador, ele se encontra em um horizonte interdiscursivo no qual as coordenadas da vida cotidiana escapam para fora dela. Aqui aplico a metáfora do jogar conversa

fora que dá lugar às posições de co-enunciação. Co-enunciar parece, no fragmento de entrevista em foco, configurar a incerteza do apoio procurado

E. (hes) na tua profissão, [tu - ga-]- como é, mais ou menos, o teu salário?

A hesitação neste ponto da fala equivale a uma fronteira da memória discursiva que pode ser sempre deslocada. Entre um discurso e outro, o sujeito a se enunciar pode tanto aparecer na forma de um cidadão satisfeito com seu salário, quanto na forma de um outro que tem com o co-enunciador uma relação carente de sentido. Tudo isto se passa, em um lapso de tempo, que nem o relógio, nem o gravador pode registrar. Trata-se de um processo enunciativo errante que dá vazão à subjetividade do falante como condição de uma forma de linguagem.

Pode-se então esmiuçar no dispositivo da entrevista sociolingüística os componentes que conspiram para a exposição das funções que dão lugar, no domínio da Sociolingüística, ao sujeito e ao objeto do saber. Tais funções compõem a cena de uma conversa que inclui dois interlocutores e um gravador. Diz Labov¹¹ que

“Face-to-face interviews are the only means of obtaining the volume and quality of recorded speech that is needed for quantitative analysis. In other words, quantitative analysis demands data obtained through the most obvious kind of systematic observation”.

O esforço fundamental desta estratégia é driblar o que Labov identificou como o paradoxo do observador. É que diferentemente do que acontece nas ciências experimentais, a interferência do experimentador sobre seu experimento não é facilmente controlável na pesquisa lingüística. Isto porque o objeto posto em observação confunde-se com o próprio sujeito que observa. Por isto mesmo o ato de entrevistar deve ser gestado de tal modo a fazer desaparecer a instância do sujeito cognoscente para deixar emergir apenas o falante da língua a ser observada.

Conforme Foucault¹² descreve, assim como o pintor no quadro de Velásquez não pode ser representado no mesmo instante em que realiza sua pintura, o sujeito que tudo sabe sobre seu falar, no momento em que é interpelado na entrevista sociolingüística, não pode aparecer no ato em que é entrevistado. Se no quadro, o pintor é mostrado escondido atrás da tela, na cena da entrevista, o sujeito do saber oculta-se na fita do gravador

que registra a voz do sujeito falante. Nesse sentido, o gravador aqui remete ao que deve aparecer como representação da cena, subtraindo nela o ato que a produziu. Assim é que se pode observar na entrevista duas funções de sujeito: sociolingüística: o conhecer e o falar a língua.

A existência do gravador no cenário da entrevista responde assim à exigência de ocultar no ouvinte e no falante a instância subjetiva do saber. Um dos axiomas essenciais do método laboviano está implicado neste procedimento. A conversa transcorrida ao longo da entrevista não constitui para o sociolingüista o seu objeto de atenção. Contudo, ela deve acontecer de modo recorrente, ou seja, na entrevista sociolingüística, os sujeitos devem falar sempre como quem joga conversa fora. Este fato mostra-se intrínseco ao ato de entrevistar. Cunjada desta forma, a entrevista torna possível o aparecimento do sujeito, do objeto a serem focalizados na ordem do conhecimento sociolingüístico. Isto desde que seguido o preceito de permanecer escondido o paradoxo do observador.

A propósito do traço particularizante da entrevista sociolingüística, a saber, a incitação aos relatos de experiências pessoais, Jean-Marie Marconot¹³ considera teoricamente o seu caráter heurístico. Ou seja, além de subsidiar a detecção da língua falada, indiretamente o método designa uma intervenção que leva a descobrir, no contexto discursivo do levantamento dos dados, um particular processo de subjetivação cunjado segundo as necessidades do campo teórico em questão. Esta consideração de Marconot indica o caminho pelo qual o procedimento de coleta de dados pela entrevista pode levar ao conhecimento da forma-sujeito da sociolingüística. O ponto de partida, segundo este autor, é Saussure. Neste quadro, diz Marconot, a imagem do sujeito da Sociolingüística estaria situada *“em alguma parte entre um indivíduo cuja fala seria complexa demais para ser analisada e a massa falante, soma de todas as produções dos indivíduos falantes.”*¹⁴

Esta conceituação da entrevista, assim redimensionada, conduz à explicitação do interdiscurso, do regime de sentidos que permite a formulação dos objetos de saber próprio à Sociolingüística: a variedade lingüística e o sujeito falante como suporte inseparável desta variedade. Marconot chama atenção para o caráter não facultativo dos princípios que regem o método da entrevista no campo da Sociolingüística. Vê-se aí os dois elementos constitutivos do processo discursivo no qual a enquete é formulada como método de recolhimento de dados: a pressuposição das atividades sociais no interior das quais é definido o papel que serve de

critério para a seleção do informante a ser entrevistado e a pressuposição das regras de interlocução que devem reger a *conversação*.

Mareconot salienta que a descrição desses componentes não é facultativa.¹⁵ Na perspectiva discursiva de linha francesa, esses traços de natureza sociológica são tomados como efeitos imaginários, e não como realidades naturais referíveis a si mesmas. Sobre o estatuto do social nesta vertente de análise do discurso, Orlandi explica que

“não são os traços sociológicos empíricos – classe social, idade, sexo, profissão – mas as formações imaginárias, que se constituem a partir das relações sociais – que funcionam no discurso: a imagem que se faz de um operário, de um presidente, de um pai, etc. Há em toda língua mecanismos de projeção para que se constitua essa relação entre a situação (...) e a posição dos sujeitos, discursivamente significativa.”

Pode-se perguntar sob que bases constituem-se as formações imaginárias a partir de contextos diversos de relações sociais. Para responder a essa questão, o pertinente é recorrer a uma abordagem diferenciada da noção de ideologia. A propósito disso, diz Orlandi: *“na perspectiva da AD, a ideologia não é ‘X’, mas o mecanismo de produzir ‘X’.”* Vincule-se aqui o que Achard aponta sobre o estatuto da ideologia como componente constitutivo da enquete enquanto dispositivo discursivo. Nada há de depreciativo, assinala o autor, pensar a ideologia como quadro pressuposto no qual deve se situar o sujeito e no qual a noção de verdade pode ser elaborada. Afinal trata-se de fazer aparecer, mais que os conteúdos, as formas de enunciação que tornam possível deslocar o olhar do analista da evidência dos dados informados para os sentidos virtuais emergentes no processo da entrevista.

Daí advém, segundo Orlandi, a idéia de que há, no curso da enunciação, uma interpretação tornando possível a formulação de um sentido entre vários outros. O problema é que esse ato interpretativo é denegado. *“Ao se dizer, se interpreta, explica Orlandi, – e a interpretação tem sua espessura, sua materialidade – mas, nega-se, no entanto, a interpretação e suas condições no mesmo momento em que ela se dá, e se tem a impressão do sentido que se ‘reconhece’, já lá.”* Esta

interpretação denegada é que caracteriza a ideologia. Isto equivale, nos termos de Achard, a adotar um modo de analisar que, no contexto do ato de entrevistar, impõe o abandono da transparência do que se partilha e a adoção do enfrentamento incômodo das interpretações não partilháveis como efeitos dissonantes da ideologia.

Assim é que se pode definir a forma-sujeito constituída no método da entrevista sociolinguística como o efeito da interpelação do indivíduo mediante sua projeção em dado papel social e a tomada de sua fala inscrita em determinado ato de conversação, como, por exemplo, a narrativa de experiências pessoais. Os dispositivos da determinação de papéis sociais e do forjamento de situação casual de conversa – emprestados respectivamente da Sociologia e da Teoria da Comunicação – constituem o fio condutor que recorta a dimensão de espaço-tempo no fluxo discursivo da narrativa pessoal.

Os produtos desses recortes são, na acepção de Marconot, os trajetos, as cenas e os cenários que tecem a narrativa do informante, quando incitado pelo entrevistador sociolinguista a falar de si. Tudo isso supõe um complexo funcionamento. Colocando a relação espaço-tempo no plano do pré-construído relativamente às práticas sociais, Marconot acentua o funcionamento da linguagem localizando para o indivíduo os pontos das coordenadas espaço-temporais da narrativa que deve fazer nele o sujeito da entrevista.

Se no instante da entrevista, o entrevistador deve comportar-se como se a fala do informante enquanto tal fosse o principal alvo de sua atenção, é para que em outro momento, a mesma fala seja dissecada e transformada em fatos lingüísticos indiferentes ao sujeito que as produziu e nela foi produzido no instante da enquete. Sob o crivo de dados transcritos conforme critérios fonéticos previamente estabelecidos, o fato sobre o qual o pesquisador sociolinguista vai trabalhar é constituído a custo do desaparecimento do que compõe a situação enunciativa da entrevista. Aí dados como o lugar, objetos e clima do encontro são relegados à condição de resíduos, ao estatuto do não-fato relativamente à escuta epistêmica do lingüista. A única forma-sujeito a ser tomada como objeto de saber neste campo é a do falante.

Retome-se aqui a dimensão temporal e espacial que perfaz a materialidade da narrativa na qual o entrevistado expõe-se para o entrevistador. Com respeito às representações sociais que configuram as posições do inquirido e do inquiridor no instante da entrevista, pode-se

interpretação denegada é que caracteriza a ideologia. Isto equivale, nos termos de Achard, a adotar um modo de analisar que, no contexto do ato de entrevistar, impõe o abandono da transparência do que se partilha e a adoção do enfrentamento incômodo das interpretações não partilháveis como efeitos dissonantes da ideologia.

Assim é que se pode definir a forma-sujeito constituída no método da entrevista sociolinguística como o efeito da interpelação do indivíduo mediante sua projeção em dado papel social e a tomada de sua fala inscrita em determinado ato de conversação, como, por exemplo, a narrativa de experiências pessoais. Os dispositivos da determinação de papéis sociais e do forjamento de situação casual de conversa – emprestados respectivamente da Sociologia e da Teoria da Comunicação – constituem o fio condutor que recorta a dimensão de espaço-tempo no fluxo discursivo da narrativa pessoal.

Os produtos desses recortes são, na acepção de Marconot, os trajetos, as cenas e os cenários que tecem a narrativa do informante, quando incitado pelo entrevistador sociolinguista a falar de si. Tudo isso supõe um complexo funcionamento. Colocando a relação espaço-tempo no plano do pré-construído relativamente às práticas sociais, Marconot acentua o funcionamento da linguagem localizando para o indivíduo os pontos das coordenadas espaço-temporais da narrativa que deve fazer nele o sujeito da entrevista.

Se no instante da entrevista, o entrevistador deve comportar-se como se a fala do informante enquanto tal fosse o principal alvo de sua atenção, é para que em outro momento, a mesma fala seja dissecada e transformada em fatos lingüísticos indiferentes ao sujeito que as produziu e nela foi produzido no instante da enquete. Sob o crivo de dados transcritos conforme critérios fonéticos previamente estabelecidos, o fato sobre o qual o pesquisador sociolinguista vai trabalhar é constituído a custo do desaparecimento do que compõe a situação enunciativa da entrevista. Aí dados como o lugar, objetos e clima do encontro são relegados à condição de resíduos, ao estatuto do não-fato relativamente à escuta epistêmica do lingüista. A única forma-sujeito a ser tomada como objeto de saber neste campo é a do falante.

Retome-se aqui a dimensão temporal e espacial que perfaz a materialidade da narrativa na qual o entrevistado expõe-se para o entrevistador. Com respeito às representações sociais que configuram as posições do inquirido e do inquiridor no instante da entrevista, pode-se

dizer que, em termos do pré-construído, este é o nicho do funcionamento discursivo que localiza para o indivíduo entrevistado as coordenadas espaço-temporais da narrativa que deve fazer dele o sujeito da entrevista.

Esse percurso se dá sob difíceis condições. A interpelação do informante em sujeito pelo dispositivo da enquete demanda que o indivíduo, inquirido dissolva os referenciais de sua identidade. Há, diz Marconot, algo como que uma perda de si, condição sob a qual o indivíduo re-encontra, capturado na dissolução de sua identidade, a nova posição de sujeito, a que está prevista como efeito de uma outra lei, a que possibilita a construção do sujeito falante.

Os pontos de contato entre a Análise do Discurso pressuposta aqui e essas considerações de Marconot sobre o sujeito falante da Sociolinguística como efeito do dispositivo da entrevista descortinam-se em dois aspectos salientados pelo autor. Por um lado, a localização da linguagem como elemento material indicador de um processo em curso, numa enunciação particular; por outro, a ênfase dada à atuação da memória. Esta é apontada pelo autor como o lugar da intervenção sociolinguística, que mobiliza a emergência de testemunhos pelo dispositivo da entrevista.

Como localizar a força interventora deste dispositivo? Para compreender em que consiste a intervenção a que se refere aqui como produto discursivo do ato de entrevistar é preciso pensá-la a modo de uma ingerência exterior que se dá entre dois espaços de memória: a do tempo da entrevista e a do tempo das experiências vividas ao longo da vida do informante. Marconot ressalta que a indicação do espaço e do tempo das narrativas pessoais, como elementos mobilizadores da memória, não se dá sem uma referência ao outro, ponto de emergência das indicações, representações e construções, quer temporais, quer espaciais. Compreenda-se aqui o termo referência não como lugar de verificação, mas como horizonte discursivo exterior que torna possível o discurso que dá suporte ao que é narrado.

Vê-se que a alteridade é a base inerente a qualquer processo de produção de sentido e de sujeito: em qualquer instância em que é produzido, o discurso nunca é individual. Ainda que estabelecida em um âmbito personológico, a narrativa incitada pelo entrevistador sempre traz traços do outro, este no qual se sustenta a sua enunciação.

Sob a ótica da Análise do Discurso, falar do outro é falar do interdiscurso. Isso remete aos conceitos de memória e de acontecimento. Por memória ou interdiscurso, Pecheux¹⁶ entende o horizonte

configurativo da produção de um campo de sentidos entre muitos outros. Desse modo é que este autor formula teoricamente a noção de alteridade, ou modos de referência aos outros discursos. Por acontecimento, o autor refere-se ao ponto de encontro entre uma memória atual e outras pré-construídas.

Adoto aqui o pressuposto de que a conversação pode ser concebida como dotada de propriedades íntimas que a tornam uma forma particular e, portanto, modelo de interação. Esta se encontra entre outras formas interativas que designam, por sua vez, o que Deleuze¹⁷ (1985:299) chama de “formas puras de sociabilidade que passam necessariamente pela conversação”. Isto significa que o ato de conversar apresenta-se particularmente como o ponto de coincidência entre uma interação e um ato de fala, o que pressupõe o delineamento de um cenário de conversa que emerge junto com os sujeitos que nele interagem.

Nisto consiste o próprio da conversação: os atores que dela tomam parte, com suas posições, papéis e funções socialmente atribuídos, não lhe preexistem, mas são constituídos nela e por ela mediante um efeito de discurso. “O próprio da conversação, diz Deleuze, é redistribuir os interesses e instaurar interações entre pessoas supostamente dispersas e independentes que atravessam casualmente a cena.” Esta propriedade da conversação é que assinalo como inerente à situação a que se referem os extratos a serem analisados, ou seja, a da entrevista sociolinguística.

Neste ponto, o que importa salientar é que, à medida que a conversação não supõe parceiros previamente vinculados por objetivos ou interesses alheios ao que se passa dentro dela, há algo de esquizofrênico que é constitutivo de todo processo conversacional. Ao deixar-se capturar pelo fluxo discursivo de uma conversa tudo o que pode aparecer de si mesmo é para o sujeito algo de incerto. Reportando-se especificamente ao que se passa em entrevistas sociolinguísticas do tipo laboviano, Marconot assinala o percurso errante do sujeito interpelado, o que faz com que a condição para que ele entre no fluxo seja se perder para se reencontrar na dissolução de referenciais de pertença exteriores àquele processo enunciativo.

Este é o enfoque que este trabalho introduz para a consideração do destino da fala do informante no momento posterior ao seu registro sonoro em que procedimentos criteriosos e precisos de transcrição vão tratar de preservar na íntegra os dados sonoros do material gravado. Em outra etapa do trabalho que aqui expus estou retendo a atenção sobre um aspecto particular da fala registrada: a retranscrição que codifica o processo

temporal constitutivo da narrativa do informante, notadamente no plano das pausas, das hesitações que remetem ao tempo do silêncio como provedor da subjetividade que atravessa a gênese do falante na situação de entrevista sociolingüística

Notas

SOUZA, P. 1999. "As enquetes como discurso: um caso de acesso às palavras do racismo" *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira (org.) Porto Alegre, Editora Sagra Luzzatto, pp. 250-257

São fragmentos de entrevistas sociolingüísticas extraídas do banco de dados do projeto VARSUL: Variação Linguística na Região Sul, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina. Trata-se de um grande projeto de pesquisa que visa investigar os componentes da variação do português do Brasil ocorrentes na região sul do país. O VARSUL envolve pesquisadores também das universidades federais do Rio Grande do Sul e Paraná, e a PUC de Porto Alegre.

¹ Labov (1972a)

² Tarallo (1983)

³ Mondada (1997)

⁴ Achard (1994)

⁵ Greioni (1978)

⁶ Op.cit

⁷ Entrevista - FLP - 2 - M - A - PRI, colhida pelo bolsista Murialdo Loch no Banco de Dados VARSUL, Universidade Federal de Santa Catarina.

⁸ Recorro aqui ao enfoque de Deleuze sobre a conversação, que é particularmente elucidativo para a perspectiva deste trabalho.

⁹ Labov, op. cit.

¹⁰ Foucault. *As palavras e as coisas*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

¹¹ Marconot, 1985.

¹² Idem, op. cit., p. 176

¹³ Idem, op.cit. p. 177

¹⁴ Pécheux, 1975

¹⁵ Deleuze, 1985: 299

BIBLIOGRAFIA

ACHARD, P. (1994). "Sociologie du Langage et Analyse d'enquêtes. De l'hypothèse de la rationalité des réponses", in *Sociétés Contemporaines*, n. 18/19, jun./set. Paris, L'Harmattan, p. 67-100.

- DELEUZE, G. (1985). *L' image temps*. Paris. Les éditions de Minuit.
- FOUCAULT, M. (1970). *As palavras e as coisas*. Rio de Janeiro, Forense.
- GRELON, A. (1978). "Interviewer?". *Langage et Société*. n.4, maio/, Paris. Maison des Sciences de l'Homme. pp. 41-62.
- MONDADA, L. (s/d). "L'entretien comme événement interactionnel. Approche linguistique et conversationnelle", tradução brasileira de Mônica Zoppi-Fontana (1997). *Revista Rua*, n. 3, março, LABEURB.
- ORLANDI, E. (1996). *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, Vozes
- PECHEUX, M. (1975). *Semântica e Discurso. Uma crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas Editora da Unicamp.
- LABOV, W. (1972a.). *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia,. University of Pennsylvania Press.
- LABOV, W. (1972b). *Language in the inner city*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- MARCONOT, J.M. (1986). "L'espace et le sujet social", in *La Production d'identité. Symposium International*. Montepellier, Université Paul Valery et CNRS.